

ACTAS DEL VI CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE LITERATURA MEDIEVAL

(Alcalá de Henares, 12-16 de septiembre de 1995)

Edición a cargo de
José Manuel Lucía Megías

TOMO II



Servicio de Publicaciones
Universidad de Alcalá

1997

Quedan reservados todos los derechos, ni parte ni la totalidad de este libro puede ser reproducido por cualquier medio, ya sea mecánico o electrónico, sin el permiso de los editores.

Comité Organizador:

Carlos ALVAR
María del Carmen FERNÁNDEZ LÓPEZ
Sonia GARZA
José Manuel LUCÍA MEGÍAS
Joaquín RUBIO TOVAR
Pedro SÁNCHEZ-PRIETO BORJA
María Jesús TORRENS

En la edición de *Las Actas del VI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval* han colaborado Pedro Sánchez-Prieto Borja, Joaquín Rubio Tovar, M.^a Carmen Fernández López, M.^a Jesús Torrens y Paciencia Talaya.

© Anónimas y colectivas
© Universidad Alcalá
Servicio de Publicaciones

I.S.B.N. (Obra completa): 84-8138-207-8
I.S.B.N.: (Tomo II): 84-8138-209-4

Depósito Legal: M-29892-1997

Imprime: Nuevo Siglo, S.L.

FICÇÃO E REALIDADE NOS PRÓLOGOS DOS PRIMEIROS LIVROS DE CAVALARIAS PENINSULARES

Rosário Santana Paixão
Universidade Nova de Lisboa

Os livros de cavalarias peninsulares são histórias ficcionadas inspiradas na realidade histórica de uma prática e ética cavaleirescas herdadas da Idade Média.

Usando, por vezes, a designação de Crónica (como é o caso da *Crónica de Lepolemo*, *Crónica de Lisuarte de Grecia* –ambos castelhanos– ou a *Crónica do Imperador Clarimundo*, o primeiro livro de cavalarias português), transcendem o domínio historiográfico (em que também se apoiam) do quotidiano bélico, da aventura e combate, de um tempo histórico e espaços geográficos, para o domínio do maravilhoso e do sobrenatural, da atemporalidade, geografias míticas e fingidas, hiperbolizando forças, qualidades, prolongando para além dos limites as capacidades e virtudes humanas.

Os Prólogos que, de uma maneira geral, antecedem estas histórias tendem a sublinhar e justificar essa desmesura dos factos que as caracteriza e as situa entre a ficção e a realidade.

Destacámos, para este estudo, alguns títulos pioneiros, desenvolvidos na sequência do *Amadís de Gaula* de Garci Rodríguez de Montalvo, cuja 1ª edição conhecida data de 1508¹.

Rodríguez de Montalvo, no Prólogo de *Amadís*, admite a diferença entre a preocupação de edificar a verdade nas crónicas propriamente ditas e «historias compuestas y fengidas» em que se fala dessas coisas «admirables», como acontece no próprio *Amadís*².

¹ Vid. Daniel Eisenberg, *Castilian Romances of Chivalry in the sixteenth century, a bibliography*, London, Grant & Cutler, 1979.

² Cito de Rodríguez de Montalvo, G., *Amadís de Gaula I*, ed. de Juan Manuel Cacho Blecua, Madrid, Cátedra, 1991, prólogo, p. 223.

No Prólogo de *Lisuarte de Grecia* esclarece-se o leitor de que estas histórias tidas por verdadeiras são, na verdade, «compuestas e fabulosas»³.

Em *Clarián de Landanis* alerta-se o leitor para «algunas cosas dubdosas de creer e admirables»⁴, ainda que sejam escritas com base em fontes anteriores.

No Prólogo de *Clarimundo*, João de Barros refere-se às «miraculosas façanhas» heróicas e «maravilhosas grandezas» do herói da sua história que é, simultaneamente, apresentado como estando nas origens dos reis e do reino de Portugal⁵.

Sem se desligarem totalmente de uma dimensão historiográfica, estes livros mostram-se, nos Prólogos, apoiados na fantasia, no excesso. Assumem-se, nessa tendência, sucessores dos historiadores antigos na sua forma de relatarem os grandes feitos da época.

Montalvo, no Prólogo de *Amadís*, ao justificar este recurso à desmesura, à efabulação, lembra que os antigos, no enaltecimento dos seus heróis, os tornavam tão grandes quanto eles os quisessem empolgar. Justifica o carácter fantasista à luz de uma linha histórica fundada nos afectos, «con más afición que con verdad», apresentada, assim, segundo o próprio Montalvo, como não correspondendo totalmente à realidade mas tendo, no entanto, influência sobre ela, pela sua forma exemplar⁶.

Também no Prólogo do *Palmerín de Olivia* se enaltece este registo hiperbolizado e fabuloso usado pelos antigos como uma particular maneira de contar, com objectivos de carácter pedagógico: «parescióles que convenía mudar la manera e stilo de dezir porque el público provecho assí se conservasse»⁷.

³ As minhas citações remetem ao Prólogo da «Coronica de los famosos cavalleros Lisuarte de Grecia y Perion de Gaula hijos de los valientes y esforçados cavalleros Amadis de Gaula Rey de la Gran Bretaña y de Esplandian su hijo emperador de Constantinopla. Segun que la escrivio el gran sabio en las magicas Alquise. Emendada de algunos vocabulos que corrompidos estavan por antiguidad. La qual trata delas grandes cavallerias que por estos dos grandissimos principes passaron segun que por ella parecera. E fue dirigida al reverendissimo e muy magnifico señor don diego de Deça Arçobispo de Sevilla, agora segunda vez impresso en la muy noble e muy leal ciudad de Sevilla por Jacobo Cronberger aleman e Juan Cronberger en el año del señor mil e quinientos e veyticinco, Prologo fol.ii do verso». Manejo fotocópias de microfilme do exemplar existente na Biblioteca Universitaria de Zaragoza. Regularizo os usos vocálicos e consonânticos de u-v, desenvolvo as abreviaturas e transcrevo o signo tironiano como e, modificações que assinalo com sublinhado. Modernizo a separação das palavras de acordo com os critérios actuais. Seguirei as mesmas regras nas transcrições posteriores. A primeira edição data de 1514. Cf. Daniel Eisenberg, *ob. cit.*

⁴ As minhas citações remetem ao Prólogo de «La hystoria del muy noble e valiente cavallero don Clarián de landanis hijo del buen rey Lantedon de Suecia: e de la Reyna Dama bella su muger: en que se recuenta de muchas de las grandes cavallerias /muy famosos e notables hechos de armas que fizo: e de los muy leales amores que tuvo con su señora Gradamisa hija del emperador Vasperaldo/ e de la emperatriz Altibea. La qual hystoria contiene en si tres libros. Fue sacada de lenguaje aleman en ytaliano por Faderico de magnancia o bispo de Lanchano por mandado del serenissimo rey Fernando de Napoles primero deste nombre. E traduzida e buelta de ytaliano en vulgar castellano por Gabriel Velazquez de Castillo. Dirigida al yllustre e muy magnifico señor Charles de [...] mussior de sanzela: e c. gran cavallerizo del rey don Carlos nuestro señor. Por merescido renombre. Mussior le gran. Valladolid, mil e quinientos e diez e ocho años, Prologo, s/ pg». Escrito por Gabriel Velázquez de la ciudad de Guadalajara. 1518 será a data da primeira edição, segundo indicação de Daniel Eisenberg (*ob. cit.*) embora a sua referência inclua, como cidade de edição, Toledo e não Valladolid.

⁵ As citações remetem a Barros, J. de, *Clarimundo*, Lisboa, Livraria Sá da Costa-Editora, 1953. Prólogo pp. 6-7. A primeira edição data, segundo os bibliógrafos, de 1520, embora só seja conhecida a seguinte, de 1522. Vid. Thomas, H., *Spanish and portuguese romances of chivalry*, Cambridge, Cambridge University Press, 1920, p. 139.

⁶ Cito de *Amadís de Gaula*, ed. cit., Prólogo.

⁷ Cito de *Studi sul Palmerín de Olivia. El libro del famoso e muy esforçado cavallero Palmerín de Olivia*, texto critico a cura di Giuseppe di Stefano, Università di Pisa, 1966, prólogo, p. 1.

No Prólogo de *Clarián de Landanis* este novo estilo dos historiadores da Antiguidade é apresentado como um guia, iluminando os leitores, acrescentando-os em valor: «Í creyendo assi mismo que la claridad de las notables y resplandescientes obras suyas alunbrarian e guiarían aquellos que por la virtuosa carrera immitándoles seguir quisiessen»⁸.

No Prólogo de *Palmerín* acrescenta-se que este recurso estilístico seria uma forma suave de repreender, de admoestar, já que mistificando a realidade permitiria ao homenageado, e ao leitor em geral, confrontar-se sem dor, sem revolta, vergonha ou ira, com as suas faltas ou insuficiências, criando-lhe motivação para se aperfeiçoar, para reconhecer o bem que convinha ao seu estado⁹.

De uma forma geral, nos Prólogos destes livros, valoriza-se e justifica-se a fantasia como forma de fazer história, com base no ensinamento dos historiadores antigos que, na sua aparente falta de rigor, mostravam grande sabedoria: «e por esto no me parece que aquellos antigos que ansí quisieron a los grandes principes loar peccaron de lisonjeros, mas fueron verdaderamente sabios»¹⁰.

Nesta linha de orientação histórica que valoriza, essencialmente, a subjectividade da emoção, da ordem do sentir e do ser, os cultivadores dos livros de cavalarias, dirigidos a príncipes e homens de linhagem superior, com as suas descrições mais virtuais que reais, ainda que ligados a convenções historiográficas, ultrapassam as suas fronteiras, comprometidas com um tempo cronológico e precisões espaciais, esgotáveis em si próprias, para se assumirem mais como reflexo de uma sabedoria universal, que transcende a dimensão do imediato e se fixa em preocupações de carácter ético, existencial, com o objectivo de alimentar o aperfeiçoamento humano, atraindo, assim, os ânimos a seguir a Virtude.

Partindo de uma ideia de história desenvolvida na linha da afeição e exemplaridade, recriam uma história fingida, com objectivos igualmente exemplares e pedagógicos, representando ideais de vida, de forma a perpetuar e alimentar uma linhagem ideal, em que à nobreza de sangue se possa aliar a nobreza de espírito, as duas partes de que o homem é feito (referidas no Prólogo de *Arderique*): «la una tan breve y transitoria la otra tan sin fin y eterna»¹¹, no entendimento de que ambas são importantes para o homem nesta vida.

Procuram e reforçam, então, a sua inspiração, como se deixa entender no Prólogo de *Palmerín de Olivia*, não em personalidades determinadas, cujas virtudes ainda que inumeráveis seriam esgotáveis em si próprias, mas numa ideia de Perfeição e de Virtude, de que a história que se conta se torna um espelho, reflectindo ela, simultaneamente, a verdadeira identidade, de origem divina, em que o homenageado (ou o leitor) se poderá

⁸ Cito de *Clarián de Landanis*, ed. cit., Prólogo.

⁹ Vid. *Palmerín de Olivia*, ed. cit., «Prólogo».

¹⁰ Cito de *Palmerín de Olivia*, ed. cit., «Prólogo».

¹¹ Cito de «Libro del esforçado Cavallero Arderique: en el qual se cuenta el proceso de sus amores: las hazañas muy señaladas y casos e mucha ventura en que se hallo y enfin como vino a ser casado con la señora leonor hija del duque de normandia y heredera en el estado: es traduzido en lengua estrangera en la comun castellana, Prólogos s/ pp». Manejo fotocópias de microfilme do exemplar existente na Biblioteca Universitaria de Zaragoza.

e deverá rever, não de forma narcisista, mas na sua qualidade primordial, promissora: «Y dado que las fuerças de mi ingenio no pueden no digo loar pero ni en summa contar vuestras grandes virtudes, pero por seguir la costumbre que de los antiguos en el principio puse, cogeré, como del huerto de las Esphérides, algunas de vuestras virtudes. E porque, señor, no séays como el Narciso, de quien cuentan los poetas que tanto se amó que por no se conoscer desdichadamente morió, acuerdo en esta parte representaros como en claro espejo quien soys porque d'este conoscimiento, aunque en vos no falta, véays claramente cuánto devéys a Dios, auctor primero de vuestra felicidad, e después para qué nascistes e en qué avéys de poner vuestro principal cuydado porque ninguna cosa faltéys a la naturaleza que de todos los dotes assí del ánima como del cuerpo copiosamente os atavió»¹². Transpõe-se a verdade do quotidiano que, ainda que próxima da perfeição, é sempre limitada, para uma outra, potencial, primordial, instauradora de uma atitude de procura, de busca, em termos de identidade. O que está em causa não é, portanto, a realidade dos actos heróicos relatados, mas a própria heroicidade, como ideia, como objectivo.

As aventuras, as acções heróicas hiperbolizadas, aparentemente impossíveis, entroncam num mundo virtual alimentado pelos afectos, pela crença, pela Fé em Deus, a quem tudo é possível e nada impossível (como se diz no Prólogo de *Lisuarte de Grecia*)¹³. Apoiam-se no entendimento da Ordem Universal como ordem suprema, numa natureza infinitamente promissora que (segundo o Prólogo de *Primaleão*)¹⁴, ainda que, por vezes, seja ignorante e cega, engendrando homens de duas cabeças, a maior parte das vezes é sábia e acerta, engendrando um homem de outro homem, um leão de outro leão, um varão forte de outro varão forte.

A estranheza, o excesso, tornam-se, assim, nestes livros de cavalarias, a tradução dos limites humanos e do que está para além da normalidade das capacidades naturais. A abertura para um progresso na linha do Conhecimento.

A fantasia teria, assim, na perspectiva destes autores, uma função pedagógica que procura actuar sobre a realidade, melhorando-a, ao contrário do que pensam e expressam os moralistas e historiadores mais escrupulosos, de formação mais ortodoxa, que acusam estes escritores de fomentarem a confusão, de desviarem os leitores para mundos desconcertados, desautorizando e tirando crédito às histórias verdadeiras (para além de que fomentariam aspectos obscuros da natureza humana, como a sensualidade)¹⁵.

Mas para os cultivadores dos livros de cavalarias, pelo contrário, tal como se expressa no Prólogo de *Lisuarte de Grecia*, são os livros dos doutos, encerrados no secretismo da sua excelência, que acabam por não cumprir a sua função pedagógica. Pouco acessíveis em termos de leitura comum, de motivação, não favorecendo o conhecimento geral, público, deixam de ser lidos, como se diz, por não estarem em estilo comum,

¹² Cito de *Palmerín de Olivia*, ed. cit., «Prólogo».

¹³ *Vid. Lisuarte de Grecia*, ed. cit., «Prólogo».

¹⁴ *Vid. Primaleão*, ed. cit., «Prólogo».

¹⁵ Sobre a recepção crítica dos moralistas da época relativamente aos livros de cavalarias, *vid.* Martin de Riquer, «Cervantes y la caballeresca», in *Suma Cervantina*, London, Colección Tamésis (série A, monografías XIV), Madrid, Ediciones Castilla, S.A., 1973, pp. 279-284, com bibliografia sobre o assunto.

acessível e motivante. O carácter fabuloso destas histórias, mais livres na sua criatividade, mais sintonizados com o desejo profundo de libertação humana, ainda que conjugada com o rigor da ordem social, reforçaria, segundo eles, a motivação e viabilizaria, de forma efectiva, o carácter pedagógico dos mesmos, objectivo que os outros, mais cultos, acabariam por não alcançar¹⁶.

Com base no processo estratégico dos historiadores antigos de fantasiar para melhor intervir na realidade, defende-se, assim, e cultiva-se uma verdade que ultrapassa os limites do real quotidiano para um nível virtual, fantasista, a fim de melhor explorar um campo ético, moral, ainda que não moralista, em que se procura valorizar a natureza humana nas suas múltiplas capacidades.

No Prólogo de *Clarián de Landanis* defende-se a obra fundada sobre um acto de bondade – fonte do conhecimento: «porque de toda obra fundada sobre acto de bondad se puede colegir e sacar provechosa doctrina»¹⁷.

Para estes autores o carácter fabuloso dessas histórias, que as afasta das exigências do domínio historiográfico, deixa, assim, de ter uma conotação pejorativa para, pelo contrário, ganhar um valor diferenciado com base numa outra fonte de verdade, de carácter existencial.

Nesta ordem de ideias, Rodríguez de Montalvo, introdutor, com *Amadís*, deste género e estilo novo, propõe-se transformar livros que diz terem-lhe chegado às mãos e que qualifica de «patrañas», «historias fengidas» (ainda que «por crónicas eran tenidos»), meramente fantasistas, numa história que, permanecendo fabulosa, mas recriada à luz de uma concepção ética, acrescentada com ensinamentos de Fé e de ordem moral, tornará útil e, nesse sentido, próxima, em valor, de outros livros de história antigos, como os do historiador Tito Lívio¹⁸.

Segundo estes autores, não haverá que temer a fantasia, a desmesura, quando existe como base um núcleo significante que, em vez de afastar o leitor da realidade, pelo contrário, o pode qualificar, qualificando a própria realidade.

Estas histórias, de uma realidade virtual, procuram traduzir, desta forma, a crença nas capacidades ilimitadas do indivíduo, espelho do macrocosmo, apoiado na crença da vontade divina, num Deus Cristão que, como justo juiz, sabe o que é melhor para cada um, abrindo o leitor a uma dimensão que está para além do entendimento humano: «...a su poder todo és possible e nada impossible y como el sea justo juez todas las cosas quiere que den el fruto para que el las crio no como nos queremos mas como el ordena e permite que passen y sean» (lê-se no Prólogo de *Lisuarte de Grecia*)¹⁹. Para Montalvo estes livros de histórias fabulosas, que louvam o mundo (ou a natureza humana) em comunhão com Deus na sua infinita promessa, justificar-se-iam ainda com mais razão do que os dos historiadores antigos que, transgredindo as convenções historiográficas, só louvaram o mundo, num tempo histórico que os distinguiu. Num e

¹⁶ Vid. *Lisuarte de Grecia*, ed. cit., «Prólogo».

¹⁷ Cito de *Clarián de Landanis*, ed. cit., «Prólogo».

¹⁸ Cito de *Amadís de Gaula*, ed. cit., «Prólogo».

¹⁹ Cito de *Lisuarte de Grecia*, ed. cit., «Prólogo».

noutro caso, o que está em causa, contudo, é a crença na força potencial do indivíduo, independentemente do seu credo ou raça, regeneráveis do ponto de vista cristão, como se deixa, aliás, entender no Prólogo da Crónica que nos fala do cavaleiro cristão Lepolemo, cujo heroísmo é louvado por Xartón, um sábio mouro, na convicção de que: «la piedra preciosa donde quiera que este parece bien»²⁰. Destaca-se, nesta história, o que mais se valoriza no imaginário cavaleiresco: a capacidade do homem para a evolução, para o Conhecimento que é, afinal, o princípio da aventura cavaleiresca: um contínuo caminhar, aberto ao desconhecido, à estranheza, liberto dos limites do quotidiano, no sentido da superação de si mesmo. Essa convicção, de qualidade humanista, expressa, já, de forma literária, na génese francesa do imaginário cavaleiresco, em época de «renascimento» medieval: «De verité autant que d' illusion sont faites les pensées aussi bien que les songes»²¹.

A um nível literário, os livros de cavalarias peninsulares, desenvolvidos ao longo do sec. xvi, tal como deixam transparecer os seus Prólogos, teriam procurado, nas suas primeiras edições, criar um espaço poético próprio, em que o lado fantasista se apresenta não como um fim em si, de carácter meramente lúdico o que os distingue das histórias fingidas que Montalvo designa de «patrañas» –mas um espelho da verdade essencial, de carácter pedagógico. Transfigurando a realidade do quotidiano, procuram melhor servi-la, tendo como base um núcleo significante, exemplar, baseado num mundo virtual de carácter intimista, espiritual e afectivo.

À semelhança das «histórias de *affición*» dos antigos, também estas «historias fengidas» não se desligam totalmente de uma preocupação histórica (que é aliás, como mostra Fogelquist, parte essencial da consistência destes livros)²², não pertencendo, contudo, ao domínio da historiografia, já que ainda que queiram tocar a realidade do quotidiano, não a reproduzem de forma efectiva.

São histórias que procuram um olhar novo (mais poético, menos limitado) sobre um mundo novo por descobrir, uma época em que (como sabemos) se vivia a experiência das Descobertas²³. São histórias que incentivam e reflectem a aceitação da estranheza,

²⁰ Cito de «Chronica de Lepolemo llamado el cavallero de la hijo del emperador de Alemanha conpuesta en arabigo por Charton y trasladada en castellano por Alonso de Salazar, Valencia, md. XXI, prólogo». Manejo fotocópias de microfilme existente na Biblioteca da Universidade de Zaragoza.

²¹ Vid. Chrétien de Troyes, *Guillaume d'Angleterre*, Paris, Librairie Honoré Champion, 1974, p. 67.

²² Fogelquist mostra que o êxito que alcançam estes livros na Espanha do século xvi tem a ver com a sua forma historiográfica, assim como com o facto de cultivarem os mesmos valores que destacam os cronistas da época, nomeadamente os cronistas das Índias do século xvi. As histórias fingidas reflectem, tal como as crónicas verdadeiras, os momentos de glória que a nível da Península, nesta época, são vividos, tanto com a expansão territorial, através das cruzadas, como marítima, com os navegadores. Vid. Fogelquist, *El Amadís y el género de la historia fingida*, Madrid, José Porrúa Turanzas, S.A., 1982. Sobre as relações estreitas entre história e narrativa cavaleiresca vid. M^a Carmen Marín Pina, «La historia y los primeros libros de caballerías españoles», em Juan Paredes (ed.), *Medioevo y Literatura. Actas del V Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval (Granada, 27 de septiembre al 1 de octubre de 1993)*, Granada, Universidad de Granada, 1995, tomo III, pp. 183-192.

²³ Sobre a influência dos navegadores, vid. José Filgueira Valverde, «Influencia de la literatura caballeresca en los conquistadores y en los cronistas de Indias», *Enseñanza Media*, n^o 37 (15 de Marzo de 1959); y Rodolfo Schevill, «La novela histórica, las crónicas de Indias y los libros de caballerías», *Revista de las Indias*, XIX (1943).

a descoberta do desconhecido como forma de recriar, ou regenerar, a banalidade do quotidiano. Representam uma nova atitude perante a escrita e perante a vida.

A fantasia não se assume aqui como verdade poética ou ficção (cujo processo literário não está, aliás, definido ainda na época)²⁴ assim como se transgridem as regras da historiografia (cuja forma se quer aparentemente manter)²⁵. Na tensão entre verdade poética e verdade histórica, entre ficção e realidade, os livros de cavalarias assumem-se como um espaço poético próprio, entram, em termos de crítica literária, num campo semântico cujo léxico, como reconheceu Fogelquist, se revela insuficiente para o designar. Os seus primeiros cultivadores deixam, no entanto, nos Prólogos, alguma luz sobre essa ambiguidade, em termos de catalogação literária, ao apresentá-los num domínio que descrevem como história fingida e de exemplo.

²⁴ Sobre os conceitos, na época, de verdade poética em confronto com a verdade histórica *vid.* Nelson William, *Fact or Fiction, the dilemma of the Renaissance storyteller*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1973, cap. II.

²⁵ Fogelquist assinala a complexa problemática que ressalta da imitação das convenções historiográficas nos livros de cavalarias, inclusivé, na intitulação de alguns deles apresentados como crónicas.

O facto de, no medievo, a história ser uma forma narrativa em que se relata tanto o fingido como o verdadeiro favorece uma confusão ao nível da terminologia. *Vid.* Fogelquist, *ob. cit.*, pp. 9-29.

Mesmo num contexto historiográfico, Crónica implicava, na época, uma abordagem sobre os acontecimentos que, não se limitando a uma função analítica, incluía valores morais, entroncando numa ideia de história como «exemplo», atitude medieval que recuava já à Antiguidade. *Vid.* Juan Manuel Cacho Bleuca, «Los historiadores de la cronica sarracina», in *Historias y ficciones: coloquio sobre la literatura del siglo XV*, Actas del Coloquio Internacional por el Departament de Filologia Espanyola de la Universitat de València, celebrado en Valencia los días 29, 30 y 31 de Octubre de 1990, pp. 41-42.